CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
22 de Julho de 2023

UM PASSO, OUTRO PASSO E DEPOIS... / 1990

um filme de Manuel Mozos

Realização: Manuel Mozos / **Argumento**: Jorge Silva Melo, Manuela Viegas e Manuel Mozos, baseado numa ideia de Edgar Pêra / **Direcção de Fotografia**: José António Loureiro / **Música**: Rodrigo Leão / **Som**: Joaquim Pinto / **Montagem**: Manuela Viegas / **Interpretação**: Canto e Castro (Nogueira), Pedro Hestnes (Luís), Sandra Garcia (Xana), Carlos de Almeida Ribeiro (Vasco), Paulo Oom (Toni), Sandra Faleiro (Rita), Rui Araújo (Chozo), João Pedro Baptista (Renato), Cristina Carvalhal (Conceição), José Pedro Gomes (Luciano), Cremilda Gil (Delfina), Manuela Cassola (Rosa), Amílcar Botica (dono do café), José Mora Ramos (dono do café da estação), Teresa Faria (mãe de Xana), Carla Sofia Silva (namorada de Lucinao), Rosa Guerra (mulher do arraial), Vitória Barros (irmã de Chico), Miguel Mendes (magala), Armanda Barros (vendedora de jornais), João Canijo e Januário (polícias), Luís Alvarães (rapaz do cigarro), Glícinia Quartim (D. Matilde), Alberto Seixas Santos (professor).

Produção: GER Lda.-Grupo de Estudos e Realizações para a RTP/SEC (Portugal, 1990) / **Produtor Executivo**: João Pedro Bénard / **Cópia**: Betacam digital, cor, falada em português, 58 minutos / **Ante-estreia**: 1 de Junho de 1990 na Cinemateca Portuguesa (Sala Dr. Félix Ribeiro, Lisboa).

Um Passo, Outro Passo e Depois… (a apresentar na mesma sessão de *Malvadez*, "folha" distribuída em separado) foi rodado para a RTP em película 16 mm. Durante vários anos, os materiais fílmicos no suporte original estiveram por localizar e a única forma de o ver em projecção foi numa péssima transcrição vídeo existente no Arquivo da RTP. Recentemente localizados, os negativos permitirão em breve a sua digitalização em condições mais dignas. Nesta sessão, vai ser projectado numa cópia betacam que, apesar de tudo, tem caracterísiticas de imagem e som menos péssimas do que aquelas em que tem vindo a ser mostrado na Cinemateca.

Início da carreira de Manuel Mozos, **Um Passo, Outro Passo e Depois...** tornou-se uma obra praticamente invisível. E se atendermos às condições em que o filme pode hoje ser visto – e que todos os espectadores poderão facilmente constatar – então talvez se possa retirar da frase anterior o advérbio "praticamente". Num certo sentido, esta versão transcrita para vídeo, com péssima imagem (sem definição, cheia de "flou", com as cores alteradas e deterioradas) e som em não muito melhor estado, *não é* **Um Passo, Outro Passo e Depois...**. Apenas, infelizmente, a sua ruína, por agora (não percamos a esperança) a única maneira de perscrutar o primeiro filme de Manuel Mozos. Para além da ante-estreia aqui na Cinemateca, da exibição na RTP no âmbito da série para que foi concebido (intitulada

Corações Periféricos), e de uma passagem (premiada) no Festival de Belfort, recaiu sobre o filme de Manuel Mozos a maldição da invisibilidade. Se nos lembrarmos da saga de **Xavier** (a obra seguinte do realizador), e de como só pode finalmente ser estreado em 2003, temos boas razões para pensar que Manuel Mozos teve um dos mais azarados princípios de carreira de qualquer realizador português.

Insistamos neste ponto: não vamos ver bem, nem vamos bem ver **Um Passo...**. Há valores plásticos irremediavelmente danificados nesta versão – as cores e a luz, todo o trabalho de fotografia. Por conseguinte, uma vez que um filme não é divisível em "parcelas", falhando isso falha tudo o resto, é o filme como "organismo" que é afectado. Não é exagero dizê-lo, porque aparentemente é esse mesmo o caso: **Um Passo, Outro Passo e Depois...** é um "missing film" e a transcrição que vamos ver apenas serve de "prova" de que o filme existiu mesmo.

E que podemos adivinhar a partir deste pequeno destroço? Em primeiro lugar, uma gritante contiguidade entre **Um Passo...** e o **Xavier** que pouco depois começaria a ser rodado. É verdade que alguns actores (Pedro Hestnes, Sandra Faleiro, Cristina Carvalhal) passaram de um filme para o outro, e que esse pormenor influencia a sensação de proximidade. Mas esse pormenor é apenas isso, um pormenor. Porque o tipo de personagens é bastante semelhante: jovens mais ou menos perdidos em paisagens semi-urbanas, ou na fronteira entre o urbano e o rural (a julgar pelo genérico final, o filme foi rodado na zona de Oeiras e Paço de Arcos). Os lugares são também bastante semelhantes: escolas, cafés, cenários duma espécie de "urbanismo incompleto" (ver a sequência nocturna, nas obras). O modo narrativo, mesmo que aqui se aposte numa linearidade que não seria a de **Xavier**, contém já alguns sinais do que Mozos depois desenvolveria com outro fôlego e outra amplitude: repare-se nas elipses, nos saltos espaciais e temporais, nos espaços em branco que ficam por preencher nas relações entre as personagens, espaços esses que o decorrer do filme se encarrega de esclarecer (ou não).

A que podíamos acrescentar a profunda melancolia que percorre todo o filme – e de que o "confronto" entre o grupo de jovens e o velho contínuo Nogueira (Canto e Castro) é simultaneamente um veículo e o ponto de chegada. Nogueira – grande interpretação de Canto e Castro – é uma personagem fascinante, no seu mutismo solitário, na sua marginalidade auto-imposta ("a minha vida está muito bem assim", diz a certa altura). Mas também é tudo menos uma personagem "transparente", e há uma relação de poder (o magro poder que lhe confere o estatuto de contínuo) muito interessante e muito equívoca entre ele e o bando dos miúdos: a noite da perda das chaves, passada entre o orgulho e a humilhação, confere à personagem uma complexidade fascinante, uma espécie de brilho "opaco" que a vai tornando cada vez mais perturbante. Quem é, realmente, Nogueira?

Luís Miguel Oliveira